TEMOS O PRAZER DE APRESENTAR:

O JORNAL DO CAEP
13/09/18

Sumário

Entre Aspas: Daniel Ribeiro 04

Playlist: <100k plays 06

CAEP informa: VII SEGEP 07

CAEA boa?: SemEA 07

Utilidade pública: Os cortes no orçamento da ciência brasileira 08

Grupo de extensão: Projeto Kali 09

Você sabia?: ABU 10

Fique por dentro: Singu 10

Lista: As 15 gírias mais usadas pelos politécnicos 11

Ateliê 12

Diário do Intercambista: Intercambistas na Poli 13

Série da vez: Grace and Frankie 16

CAEPipoca: Musicais 17

Nossa sugestão: Shell Open Air 20

CAEPanela: Bolo preto 20

Joguinho: Qual a matéria? 21

War Poli 22

Daniel Ribeiro Entre Aspas

Por Giulia Ribeiro e Isabella Amatuzzi

Formado em Engenharia Elétrica na Poli em 2006, Daniel Ribeiro trabalha hoje na Equacional Elétrica e Mecânica, onde estagiou durante a graduação, dá aulas na Universidade São Judas Tadeu e no Instituto Mauá de Tecnologia, além de estar cursando doutorado. Em entrevista ao jornal, ele fala sobre dificuldades superadas na Poli, trajetória profissional, rotina hoje e carreira acadêmica.

Por que você escolheu fazer Engenharia Elétrica?

Na realidade, quando prestei vestibular, minha base para a escolha foi o "manual do vestibulando", que era da Fuvest mesmo se não me engano, e o fato de gostar muito de física e matemática. Em 2002, a área de telecomunicações estava em alta, e foi o que eu escolhi. Mas a carreira disponível na época era genericamente "Engenharia", para depois escolhermos a grande área (ao final do primeiro ano) e a ênfase (ao final do segundo). Escolhi grande área Elétrica, porque Telecomunicações estava nesse grande "guarda-chuva". Mas, já no final do segundo ano, estava mais amadurecido nas escolhas e segui para a área de Energia e Automação.

Você já se formou há algum tempo, 12 anos. Do que você lembra quando pensa na Poli?

Para ser sincero, em primeiro lugar me lembro dos colegas e amigos que fiz, na Elétrica e fora dela. Conheci minha esposa na Poli, que cursava Civil na época, e minha memória ficou mais marcada por isso. Em segundo lugar, a atmosfera do lugar afeta também minhas lembranças. A Poli foi um lugar onde aprendi de uma forma bem diferente do ensino fundamental e médio. Eu aprendi a aprender, a me virar, a estudar sozinho.

Isso é um comentário bem frequente entre os estudantes. Mas você considera que esse "aprender a aprender" contribuiu para o que você é hoje?

Sem dúvida. Os desafios na carreira profissional não serão resolvidos "dando um Google". O engenheiro precisa saber resolver problemas, e essa habilidade, em geral, é desenvolvida na Poli. Nesse sentido é que eu vejo a ideia da EC3 como muito boa.

Daniel e a esposa, Suzana

Como era a estrutura curricular da poli em comparação com a de hoje? Quais foram as maiores dificuldades disso?

Eu não tenho muito conhecimento sobre as mudanças dentro de cada curso especificamente, mas sei que a EC3 tem uma ênfase na chamada "transversalidade" (o que considero muito bom). Entendo também que uma grande mudança se deu no momento da escolha de carreira. Na minha época (EC2), como comentei, você escolhia, apenas "Engenharia", para depois seguir em algum afunilamento. Por um lado, era muito bom, pois ao final de 2 anos o estudante já estava melhor preparado para escolher sua carreira. Por outro lado, essa escolha dependia das notas do biênio, o que frustrava alguns, e até atrapalhava certas amizades e grupos de estudo, por se tratar, de certa forma, de uma competição.

É verdade que você foi o único da sua sala de Engenharia Elétrica a passar sem DP?

Não sei se fui o único, mas é verdade que passei sem nenhuma DP. O meu quadro diante dos meus amigos ficava mais grave (em tom de brincadeira, claro) quando sabiam que, além de nenhuma DP, passei sem nenhuma REC, nem sequer SUB. Não faltei em nenhuma prova em toda a graduação. Tinha medo de ter que estudar para outra com o dobro da matéria.

O que você considera que contribuiu para esse desempenho?

Nunca fui brilhante nem abastado, e só pude estudar em um bom colégio por conta do empenho dos

meus pais e de bolsas de estudos. Eles se dedicaram para que os filhos, que comigo são quatro, pudessem estudar em boas escolas. Outra questão é o ambiente cristão em que cresci e até hoje permaneço, que tem um fundamento de criação de filhos baseado no Pentateuco, que são os 5 primeiros livros da Bíblia. Ao contrário do que muitos podem pensar, um cristão reformado é dedicado nos estudos, valoriza a ciência e a produção científica, e busca honrar a vocação que recebeu de Deus.

Continuando nesse assunto, você deve saber que hoje temos vários recursos, como resumos, listas, provas resolvidas, além de muita coisa na Internet. E você, como você costumava estudar?

Eu não faltava em nenhuma aula, exceto de Física III e IV, que eu estudei pelos livros. Os professores não ajudavam muito. Na época, também conseguíamos provas dos anos anteriores, mas essa coisa de website com material ainda estava começando.

Você teve algum período de decepção ou desânimo com a graduação?

Sim, tive. No segundo ano, enquanto cursava a grande área Elétrica, quase desisti. As disciplinas estavam intragáveis para mim. Pensava em mudar para a Civil, que era minha segunda opção, mas uma amiga (no caso, minha esposa hoje) me deu uma bronca, falando exatamente o que precisava ouvir na época.

E o que era sua vida além da Poli? Participou de algum projeto ou grupo de extensão?

Além da Poli, era basicamente o CEPEUSP. Nossa sala do primeiro ano era tão unida que organizou um torneio de futsal, só com os alunos da turma mesmo. No segundo ano, cada um seguiu seu caminho, mas continuamos jogando no CEPE. Fora isso, estagiei em um projeto de pesquisa do Laboratório de Eletromagnetismo Aplicado (LMAG). Era sobre um motor de indução linear tubular para extração de petróleo, substituindo os convencionais cavalos mecânicos.

E sua vida além da USP?

Eu diria que na faculdade desenvolvi muito meu gosto musical por influência dos colegas. Conheci estilos musicais que aprecio até hoje. Os ensaios abertos da OSUSP também contribuíram e, sempre que posso, vou assistir às sextas-feiras no CDI. Outra coisa que passei a estudar bastante na época da faculdade foi teologia, por conta dos choques de ideias frequentes. Acredito que todo o ambiente da USP seja propício para o estudante amadurecer suas posturas e convicções.

Você tem alguma história marcante envolvendo seus amigos?

Tenho várias, assim como todo mundo acaba tendo no período da faculdade. Uma interessante aconteceu no último ano. Eu sofria de apneia do sono e não sabia, achava que era apenas cansaço. Um dia, um amigo, sentado na carteira da frente da minha, se virou para trás e me perguntou alguma coisa. Lembro de ter respondido normalmente. Ele se virou para frente e escreveu no caderno. Logo em seguida, ele se virou de novo para perguntar outra coisa, e eu já estava dormindo. Ele se lembra disso até hoje.

Você pode contar um pouco sobre a sua trajetória pós-Poli, e o que está fazendo hoje?

Durante o último ano fiz estágio na empresa em que trabalho até hoje, a Equacional Elétrica e Mecânica. Ela faz projetos e construção de máquinas elétricas especiais e dispositivos eletromecânicos. O estágio foi com o meu professor de Máquinas Elétricas, que ainda dá aula na Poli. No mesmo ano, puxei 2 disciplinas de mestrado à noite, para ver como era. Gostei, e já nessa época comecei a pensar em uma carreira acadêmica também. O tempo passou e minhas vocações tomaram corpo. Foi ficando claro que deveria trabalhar na indústria e lecionar, na medida do possível. Hoje, estou cursando o doutorado, mas permaneço na empresa e dou aula em duas escolas (Universidade São Judas Tadeu e Instituto Mauá de Tecnologia). Enfrento certa dificuldade com o doutorado, mas acho que vai ser possível concluir essa etapa.

Como funciona sua rotina?

Durante a semana, trabalho na indústria de dia e leciono à noite. Há algum tempo tenho lecionado aos sábados também.

E você já pensou em deixar a empresa para focar apenas na área acadêmica?

Sim, e ainda penso. Mas tenho um impasse, porque vejo que a vida profissional fora das salas de aula e laboratórios enriquece muito as disciplinas que ministro.

As matérias que você leciona tem a ver com o que aprendeu na faculdade ou você teve que buscar por fora?
As duas coisas. O que aprendi na graduação foram os fundamentos para o que viria. Quando comecei a estagiar na empresa, meu superior (que era meu professor) começou a indicar bibliografia específica para projetos de máquinas elétricas. Sem o fundamento, eu não conseguiria caminhar. Quando comecei a dar aulas, já não se tratava de seguir o que estava escrito no livro-texto, mas de falar sobre algo com o que eu lidava (e lido) diariamente.

O fato de você dar aula hoje tem alguma relação com ajudar os colegas nos estudos?
Creio que sim. Quem já experimentou do ensino, seja na docência ou na ajuda aos colegas, sabe que existe uma satisfação envolvida. O conhecimento não é dado aos homens para morrer neles, ou ainda levá-los à qualquer glória, mas sim para ser transmitido, pois ninguém é dono do conhecimento, senão seu Autor. Por isso, acredito que o recebemos para que ele seja transmitido.

Você emendou o mestrado e o doutorado direto, depois da graduação?
O mestrado eu emendei. Foi mais tranquilo porque, mesmo trabalhando, eu estava solteiro. Agora, como tenho família para sustentar e casa para construir, o doutorado fica mais difícil.

Quando você entrou para a Engenharia Elétrica, imaginou que estaria onde está agora?
De forma alguma. A superfície raspada do meu crânio de bixo refletia a maturidade que eu tinha nesse sentido. Não conseguia olhar um palmo à frente do nariz na minha carreira profissional. Hoje, talvez eu consiga enxergar um três palmos à frente.

Você tem algum arrependimento sobre esse período, algo que faria de forma diferente?
Sim, me arrependo de não ter aproveitado mais das disciplinas. Acho que poderia ter estudado mais. Outra coisa foi um curso de francês que ganhei na Poli – na época fui inconsequente e cursei de qualquer jeito. Hoje, um francês, ainda que básico, faria bastante diferença.

O que você diria para aqueles que se interessam, mas se sentem inseguros a respeito da carreira acadêmica?
Eu diria que vocação não está baseada apenas na satisfação pessoal. Trata-se de algo que você recebe para desenvolver e então servir a outras pessoas. Minha insegurança se dissipa à medida que entendo meu lugar neste mundo.

<100K PLAYS Playlist

Por José Mathias e Juliana Segawa

Você já se perguntou o que aconteceu com aquele artista que você torceu num programa como o The Voice, porém não ganhou? E já se perguntou por que aquela banda que você gosta tanto aparentemente nunca emplacou?

Então essa playlist é pra você! A ideia dessa playlist foi reunir diversos artistas do cenário nacional e internacional que não possuem nenhuma música com mais de 100k plays no Spotify. Não se limite a ouvir apenas as músicas aqui dispostas, mas também procure mais faixas desses artistas. Você irá se surpreender.

Passando pelo Pop, Blues, Choro, Soul Music, Trance, entre outros, tome a música como uma diretriz para conhecer novas bandas, novos gêneros musicais, e expandir ainda mais seu repertório musical.

A playlist está disponível no Spotify com o nome "<100k plays", no perfil José Mathias. É só procurar ou acessar pelo link https://spoti.fi/2PFRaGH.

- She – The Alternative Facts
- Gone Tomorrow, Here Today – Josh Logan
- Go Slow – Jutaun
- Blues de um Mal Día – Vintage Blues
- Alive feat. Tamika Carte – The Recording Collective
- Resposta – Hygor Junker
- Get Up – Mecki Mark Men
- Back To Hyperion – Agneton
- Shaman Goes To Disco – Parasect
- Isles – Câmera
- Tóquio / Berlim – Pequeno Céu
- Deeper – Kajsa Beijer
- Honeymoon – littlefoot
- O Tempo – Blues de Casa Torta
- Cabuloso – Joel Nascimento

VII SEGEP CAEP informa

Por Shelly Escojido

A Semana de Engenharia de Produção (SEGEP) nasceu durante a Estrutura Curricular 2 (EC2) na qual a falta de disciplinas específicas, as quais só eram oferecidas a partir do terceiro ano da graduação, contribuía para um desinteresse em relação ao curso, não ficando claro para os ingressantes como seriam os anos seguintes de graduação e qual seriam as possibilidades que teriam ao adentrar no mercado de trabalho.

Assim, alguns membros do Centro Acadêmico de Engenharia de Produção (CAEP) decidiram organizar a SEGEP, cujo objetivo inicial era mostrar quais eram os principais setores do Departamento de Produção (PRO). Dessa forma, ao longo da primeira edição da Semana, foram realizadas palestras com professores, doutorandos e ex-alunos das mais diversas áreas do PRO, os quais contaram um pouco sobre as suas experiências na Poli e sobre suas respectivas carreiras.

Atualmente, a SEGEP já está em sua sétima edição e ocorrerá entre os dias 1 e 5 de outubro, objetivando iniciar a interação entre o aluno e seu futuro mercado de trabalho, apresentar os principais skills e atitudes necessários à vida profissional e relatar perspectivas e histórias daqueles que já se consolidaram profissionalmente. Neste ano, contará com palestras sobre mercado financeiro, consultoria e indústria, além de mini-cursos, mesas redondas e rodas de conversa, working days e visitas técnicas, realizadas em parceria com as mais importantes empresas que compõem o horizonte do engenheiro de produção como: Morgan Stanley, Visagio, Bain & Co., Nubank, Caterpillar, Suzano, Mandalah, 99taxi, Yellow, Sephora, BCG, Endeavor, Latam e muito mais!

Confira o calendário da SEGEP na página do evento no Facebook (https://www.facebook.com/segeppoliusp).

SemEA CAEA boa?

Por Adriana Wright

Mas o que exatamente faz um(a) engenheiro(a) ambiental? Essa é uma pergunta regularmente feita não só por alunos de outros cursos, mas também pelos próprios estudantes de Ambiental. Isso decorre principalmente do fato da Engenharia Ambiental ser relativamente nova na Poli e no mercado, de modo que pouco se sabe sobre suas diversas áreas de atuação e atribuições de um profissional.

É pensando nisso que o CAEA está organizando a primeira edição da Semana de Engenharia Ambiental (SemEA), que acontecerá entre os dias 17 e 21 de setembro. O evento conta com uma pluralidade de atividades e temas, sendo ideal tanto para aqueles que pretendem aprofundar seus conhecimentos técnicos sobre a Engenharia, quanto para os que desejam conhecer um pouco mais sobre o curso e suas aplicações. As possibilidades de participação são realmente várias: minicursos para quem gosta de algo mais dinâmico, painéis para quem prefere ouvir mais de uma abordagem sobre o mesmo tema, visita técnicas para ter contato com a prática...

Participar das atividades da SemEA possibilitará um contato maior com essa engenharia que tem crescido muito nos contextos brasileiro e mundial da atualidade. Ao fim da semana, você será capaz de responder os seguintes questionamentos sem hesitar: Por que o saneamento tem enorme importância no atual cenário brasileiro? Quais as novas tecnologias na geração de energia a partir de fontes renováveis? Como implementar medidas economicamente viáveis que diminuem a emissão de gases estufa? Qual o impacto ambiental do lixo produzido pelo homem e como aproveitá-lo de modo a aumentar a produtividade de seu gerador?

SemEA
SEMANA DE ENGENHARIA AMBIENTAL

Os cortes no orçamento da ciência brasileira

Por Gabriel R. Weichert

Fonte: Nexo Jornal/CNPq e CAPES

A comunidade acadêmica e científica do país sofreu um grande choque no último dia 2 de agosto, com o anúncio pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), uma das principais agências de fomento da ciência brasileira, sobre a possibilidade de interrupção de bolsas de estudo a partir de agosto de 2019. Segundo as contas da agência, cerca de 93 mil estudantes de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) e 105 mil bolsistas do Pibid (Programa Institucional de Formação de Professores da Educação Básica), importante ferramenta de formação de professores, seriam prejudicados.

Além disso, seria interrompido o funcionamento do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e também os mestrados profissionais do Programa de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica (ProEB), o que prejudicaria 245 mil beneficiados (alunos e bolsistas - professores, tutores, assistentes e coordenadores) que encontram-se inseridos em 110 Instituições de Ensino Superior, que ofertam em torno de 750 cursos (mestrados profissionais, licenciaturas, bacharelados e especializações) em mais de 600 cidades que abrigam polos de apoio presencial.

Na semana seguinte, o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) alertou que o corte de cerca de 33% (em torno de 400 milhões de reais) previsto para 2019 afetará seriamente o sistema brasileiro de pesquisa. A Finep (Financiadora de Inovação e Pesquisa) terá seu orçamento reduzido dos R$ 1,6 bilhões para R$ 746 milhões, comprometendo atividades como o custeio de infraestrutura laboratorial.

Nos últimos 20 anos, tivemos um crescimento histórico nos investimentos em C&T (ciência e tecnologia). Como pode ser observado nos gráficos a seguir, em 15 anos obtivemos um aumento de 400% de investimentos no setor, o que significou um aumento real na quantidade de bolsas oferecidas. Com a crise econômica, a partir de 2014 passam a ser observados cortes no setor, que se acentuaram com a implementação de uma severa política de austeridade.

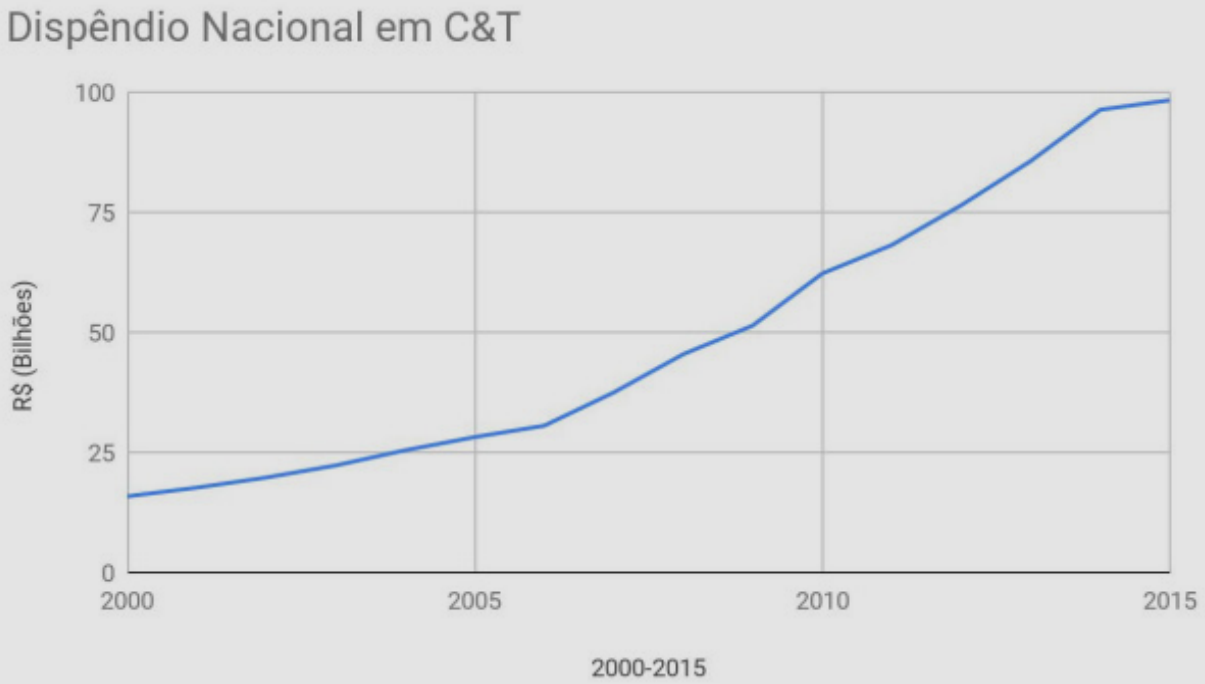
A síntese da política de austeridade se traduz na Emenda Constitucional (EC) 95, sancionada em 2016, que instituiu o teto de gastos públicos pelo prazo de 20 anos, colocando em risco atividades essenciais e prioritárias para o desenvolvimento do país. Desde então, os investimentos em CT&I (ciência, tecnologia e inovação) ficaram especialmente comprometidos, resultando nos cortes de gastos que são anunciados agora.

Segundo o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ildeu Moreira, os cortes causarão danos irrecuperáveis para a ciência e para o desenvolvimento do país. Para ele, a interrupção de projetos causa perda dos recursos investidos, gera fuga de cérebros e escassez de cientistas qualificados, com impactos de longo prazo para diversos setores, da saúde à economia.

Em julho, antes dos mais recentes desdobramentos, a SBPC lançou um manifesto em prol da C&T, da Educação do Desenvolvimento Sustentável e da Democracia no País (pode ser encontrado no link bit.ly/2nyFpoz). O documento, aprovado na Assembleia Geral da Sociedade, contém as principais demandas dos cientistas do país. Segundo a SBPC, a intenção é

que os tópicos sejam considerados e incluídos nos planos de governo dos candidatos nas eleições deste ano.

Entre as dez demandas da SBPC, estão a revogação da EC 95, a recriação do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (que foi unido ao Ministério das Comunicações com o governo Temer) e a recomposição de seu orçamento, entre outros. Posicionaram-se também acerca do assunto a USP, através da Reitoria, e a UNE (União Nacional dos Estudantes), veementemente contrárias aos cortes.



Fonte: MCTIC

Projeto Kali Grupo de extensão

Por Karen Kobayashi

O Kali é um projeto social sem fins lucrativos criado em 2013 por alunos da Poli que estavam insatisfeitos com a realidade escolar que observavam. Apesar de ter nascido na USP, ao longo de seus 5 anos o Kali passou por uma grande expansão, tendo, agora, voluntários de várias universidades e cursos.

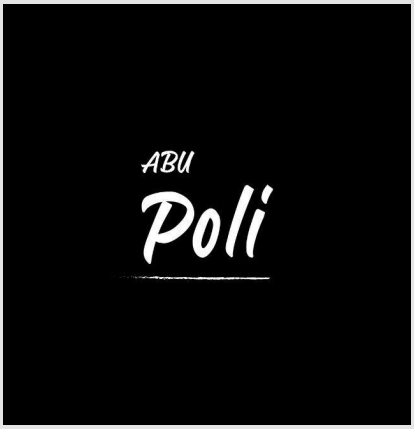
O Projeto atua aos sábados em escolas públicas de Caieiras na Grande São Paulo com alunos e alunas do 9° ao 3° ano. São ministradas aulas de Física, Matemática, Química e Extras (matéria focada em discussões que abordam as áreas de Humanas e Biológicas). O Kali também oferece atividades extraclasse à tarde, como as oficinas de camisetas e a exibição de filmes relacionados às matérias. Além disso, realiza anualmente o Passeio à USP, um dos momentos favoritos de todos que participam do Projeto.

O foco do Kali é despertar nos alunos e nas alunas o interesse por aprender e a curiosidade para sempre buscar mais conhecimento. Seu lema, "Ensinar, Motivar, Transformar", demonstra como fazer isso. Por meio de um ensino diferenciado, que valoriza o aluno e o que se pode aprender com ele, trabalha sua motivação a continuar estudando, aprendendo e se desenvolvendo, o que promove transformação tanto na vida dele quanto nas vidas das pessoas que o cercam.

No Kali, é possível atuar nos departamentos Acadêmico, Comunicação, Eventos, Jurídico, Parcerias, Recursos e Recursos Humanos. Fazer parte desse contato com os alunos é uma experiência muito enriquecedora!

ABU na Poli Você sabia?

Por Giulia Ribeiro



A Aliança Bíblica Universitária (ABU) é um grupo cristão que se reúne para estudar a Bíblia, além de conviver e de crescer junto.

Você pode se perguntar: por que estudar a Bíblia dentro da Poli? Nessa correria de estudos, de projetos e de grupos de extensão, pode parecer impossível colocar mais alguma coisa na agenda. Mas os membros do grupo enxergam o oposto. É exatamente nesse ambiente que mais se faz necessário um espaço para discussão, reflexão e meditação sobre a vida.

O que os integrantes do grupo têm em comum não é o pertencimento a uma igreja, mas sim o fato de acreditarem que a Bíblia tem respostas, e que estudá-la gera crescimento e amadurecimento bem todas as áreas da vida. A ABU está aberta para qualquer um que queira conhecer, seja cristão, ateu ou de outras religiões. Não existe processo seletivo nem obrigação de participar depois da primeira visita, é só colar com vontade de conhecer.

As reuniões são momentos leves, de amizade e de crescimento. Toda segunda e quinta, 12h10, nos bancos embaixo do cirquinho, o grupo se junta para conversar e refletir sobre esse livro tão famoso, mas muitas vezes tão desconhecido em seu conteúdo. E não se trata apenas de um estudo teórico da Bíblia, mas sempre de uma compreensão do texto, vindo desde a época em que foi escrito até sua aplicação para o que vivemos hoje.

A ABU está presente em diversas universidades pelo país, inclusive em outros cursos da USP, e faz parte de um movimento maior, a ABUB (Aliança Bíblica Universitária do Brasil). Além das reuniões, há eventos e palestras organizados de tempos em tempos, também abertos para qualquer um que deseje conhecer. E existe um detalhe importante: ABU se lê "a-bê-u", e não "abu".

Quer conhecer mais? Visite a página (https://www.facebook.com/abunapoli/), ou mande uma mensagem (+55 11 986172716).

Singu Fique por dentro

Por Manuel Ramirez e Shelly Escojido

É curioso como podemos encontrar maneiras de inovar em quaisquer atividades que fazemos hoje em dia. Realizar um pagamento, movimentar-se na cidade e pedir comida são apenas alguns exemplos de coisas que vivenciamos todos os dias e que estão cada vez mais permeadas por conceitos inovadores, que chegam para melhorar nossas vidas. O Fique por Dentro dessa edição trata de algo tão casual quanto o resto: pintar as unhas.

A Singu é uma startup que chegou para inovar nesse aspecto. Ela foi fundada em 2015 por ninguém menos que Tallis Gomes. Para quem não conhece, ele é o fundador da Easy Taxi, e uma pessoa que empreende desde seus 14 anos. Com a Singu, seu propósito é não só ajudar o cliente a obter conforto, mas também melhorar a qualidade de vida das profissionais de beleza do Brasil. E como isso é feito? Bom, para começar, as artistas, como são chamadas as profissionais que trabalham usando o aplicativo, recebem 70% do valor cheio do serviço, com a possibilidade de também receber bônus. Além disso, possuem total liberdade para escolher os serviços que vão atender, podendo optar por usar o aplicativo tanto como fonte única de renda como um complemento.

A ideia, para o cliente, é simples: você marca um horário com a artista pelo aplicativo, e ela atende você na sua casa. A operação por trás disso,

no entanto, está longe de ser trivial. A Singu já conta com 40 pessoas dentro da empresa, e está em estágio de expansão. Todos que trabalham lá têm um senso de dono e grande carinho pela empresa, além de compartilhar a vontade de aliar trabalho com causa social.

Manuel, aluno do terceiro ano da Engenharia de Produção, está trabalhando lá desde julho, e conta um pouco da sua experiência:

"Estou trabalhando na área de Inteligência da empresa, e desde que entrei minha experiência tem sido sensacional. Meus objetivos lá dentro envolvem, principalmente, a análise de métricas de crescimento que avaliam o desempenho da empresa. Estou sempre em contato com pessoas de todas as áreas e acho isso muito legal, pois posso ver a operação sob diversas perspectivas. A Singu está cheia de pessoas competentes, e sinto que estou contribuindo muito para a empresa. Ouvir os relatos das artistas, de como o aplicativo melhorou suas vidas, é algo super gratificante".

As 15 gírias mais usadas pelos politécnicos Lista

Por Bruna Soares, Fernando Ferri e Pedro Costa

Todo politécnico usa algum termo que é bem incomum fora dos corredores da nossa querida escola de engenharia. Ouvintes de fora da Poli muitas vezes ficam perdidos devido à tamanha riqueza do nosso vocabulário próprio. Quantas reviradas de olho já não percebemos no bandejão ou no circular usando nosso idioma típico? O importante mesmo é não ligar pras pessoas que nos julgam e falar sem medo de ser feliz que FEA É COXA SIM! Aqui vai a lista de algumas das gírias mais utilizadas pelo povo politécnico:

1 **5 bola**: gostinho de 10 e sabor de alívio. Qual politécnico nunca sonhou com ele naquela matéria mega difícil aos 45 do segundo tempo? Calma, ainda há tempo. P1 causou dúvida, P2 anseio e P3 desespero? Tudo bem! Ainda resta o 5.0 para salvar na Rec. Alguns apelam para nossa senhora do 5 bola e garantem resultados. Café e fé que ele vem.

2 **Nabo**: todos evitam, alguns procuram não pensar nele, mas ele existe. E o pior, às vezes, ele vem. Aquela reprovação super inesperada (ou não rs) acontece. O que fazer então? DP né, mores! Não vale a pena se torturar. É difícil alguém que nunca tenha segurado um nabo ou pelo menos se aproximado dele por alguns momentos. Acontece, meus caros, acontece...

3 **Arrasto**: quem já fez uma prova de Física I, II, III ou IV (ops, IV é coxa - para saber a definição de coxa continue lendo este artigo), MecFlu, Termo ou Numérico sabe o que arrasto significa. Para aqueles que escolheram certo na vida e nunca vão ver uma prova dessas: arrasto significa muito difícil, impossível de realizar.

4 **Check**: utilizado para tudo o que um politécnico conclui. Sim, tudo. Você vai ouvir essa expressão inúmeras vezes até em situações inusitadas. Já preencheu o forms? "Check". Já fez a p3? "Check". Já fez aquele trabalho para semana que vem? ".....". Bem, ele nem sempre aparece tão cedo. Mas uma hora aparece.

5 **Subar**: clássica situação de postergar o problema pra depois. Empregado na maioria das vezes na realização de provas, o termo subar foi acolhido pelo politécnico para tratar de praticamente qualquer assunto ou situação que ele esteja com preguiça de fazer na hora.

6 **War**: ao entrar na Poli, uma das metas mais desejadas depois do DD (duplo diploma) na França é completar o famoso War Poli. Ele consiste em nada mais do que conhecer melhor (vulgo dar uns beijos) em, pelo menos, uma pessoa de cada curso ou CA dessa escola de engenharia maravilhosa. "Mas é muito difícil! Como eu vou saber o curso das pessoas no role?" Primeiro passo é ir nos roles. Reparem que eu usei o plural. O resto é consequência. War!!!

7 **Gabaritar**: no mundo politécnico essa gíria não se aplica para a nota de uma prova, até porque notas 10 por aqui são bem difíceis de se encontrar. O politécnico utiliza essa gíria, então, para se referir às assinaturas que ele faz para garantir a presença de seus colegas nas aulas. Gabaritar a lista seria assinar para todo mundo (claro que em letra bastão).

8 **Rebixar**: o ato de se tornar bixo novamente. Fazer a Fuvest, matrícula e todo aquele ritual de começo do ano novamente. Pode acontecer por N motivos. Dentre eles, os mais comuns são: ir para um curso que a pessoa goste mais ou não jubilar.

9 **Coxa**: FEA.

10 **Suco**: derivação: suquento. Quem já foi para algum inter com alguém que faz Poli com certeza sabe a definição de suco, até por que nada mais justo que uma comparação da substância que sai do lixo com o politécnico que não toma banho ou troca de roupa por 3 dias.

11 **Groselhar**: quem já se deparou com uma prova e não conseguia fazer nenhuma questão sabe bem o que é groselhar. A última tentativa de escapar de um nabo consiste em escrever qualquer coisa na prova, mesmo tendo a certeza de que aquilo está completamente errado, simplesmente para não entregá-la em branco.

12 **Buscar**: termo muito comum de todo o politécnico, afinal, nós somos um povo que nunca desiste. O termo buscar já foi utilizado por todo o politécnico que não estudou nada na P1, foi mal na P2, mas que ainda acredita que vai passar da matéria buscando nota na P3.

13 **Fritar**: no mundo politécnico essa gíria não quer dizer aproveitar um rolê eletrônico com um pirulito na boca. Fritar para o politécnico significa estar a menos de 24 horas de uma prova da qual ele não sabe qual é a matéria e entender que ele não dormirá nesta noite. Logo, o politécnico frita nos estudos.

14 **Travar**: com certeza a gíria que mais assusta o politécnico. Infelizmente, esse povo que nunca desiste nem sempre sai vitorioso. Mesmo depois de sobreviver a terríveis nabos, enfrentar provas arrasto, groselhar absurdos nelas, buscar a salvação na P3, na PSub, no choro de nota para o professor na revisão... em algumas situações o politécnico não possui nota suficiente nem para fazer a PRec e acaba travando a matéria... Mas tudo bem, o nosso sangue guerreiro não se abala com uma ou outra derrota e, por isso, sempre nos levantamos para enfrentar todos esses desafios de novo até que sejamos vitoriosos.

15 **Bandejar**: se alimentar no bandejão. Nada mais feliz do que juntar os amigos naquele dia de strogonoff e bandejar depois daquela aula infinita e indecifrável. Causa alegria no ser humano e melhora o sistema imunológico. Além disso, é super econômico. Com apenas 2 reais você come até lotar a barriga e estourar o botão do jeans. Não que isso tenha acontecido comigo, sabe, um amigo me contou.

Ateliê

Por Luiza Velloso

Alegria!
Rostos vivos, faces coradas
Entram todos no ambiente cinza

Olhares, sorrisos, reencontros
Que como com a facilidade da aquarela
Espalham-se e colorem o antes morto
Risadas...

... Rotina
Não há mais tempo para corar o rosto
Brilhos tornam-se opacos com o folhear das páginas

Frustração, fumaça, álcool
Festas lotadas de corpos embriagados
Saturados da vida, intoxicados em músicas copos e bocas vazias

Aparece o defeito da aquarela:
Se não se renova
Dilui-se nas lágrimas e perde a cor

Agora sim!
Moldados à cidade cinza
Formados, abertos apenas à cor verde
Oficialmente preparados para (não) mudar o mundo

Descrição da obra: "Feito durante a primeira semana de aula."

Intercambistas na Poli

Diário do Intercambista

Por Fernanda Parodi e Clarissa Mendes

Na primeira quinta-feira letiva do semestre, a iPoli realizou o "Dia do Bem-Vindo". O dia contou com palestras, apresentações do Poli Dance e dos coletivos Poli Pride, Poli Negra e PoliGen, e uma visita à escola de capoeira Fonte do Gravatá (localizada atrás do CMR). Assim, os recém-chegados intercambistas foram oficialmente recebidos pela Escola Politécnica. Para finalizar o dia, eles compareceram ao que uma quinta-feira na USP pode oferecer de melhor: a QiB!

"Nos dirigimos à ECA e, em poucos minutos de conversa, Isabelita me cutuca e inocentemente pergunta: 'Você tem bala?'. Coloco uma mão no seu ombro, olho fixamente em seus olhos e respondo pausadamente: 'Entendo o que você quis dizer e, não, não tenho bala, mas preciso te avisar para tomar cuidado com essa frase aqui'. E assim, sua vinda ao Brasil quase foi uma bad trip [risos]." conta Fernanda, integrante da iPoli.

A barreira linguística, agravada pelo contexto - como pedir um "pão italiano de 30cm" no Subway quando não se sabe pronunciar o til (história verídica) - é um dos principais geradores de problemas para os estrangeiros. Ao mesmo tempo, a receptividade e curiosidade dos brasileiros pode tornar esse saldo positivo.

Entre outras dificuldades e surpresas positivas, entrevistamos duas intercambistas, que passaram suas visões sobre como têm sido suas experiências até o momento:

Isabel Peñalosa (Isabelita)

Equador • Engenharia de Minas

Por que você escolheu o Brasil?

Eu gosto muito dos países da América Latina, acho que tem pessoas que possuem uma cultura similar. Então, acho que é legal conhecer outra cultura e também aprender uma nova língua. Para mim, é também importante por causa da indústria de mineração, que está também aqui no Brasil.

O que você está achando do Brasil? Atingiu suas expectativas?

Acho que o Brasil e a cidade de São Paulo têm muitos lugares bonitos para visitar e ir. As pessoas aqui também são muito legais, te ajudam. Se você não conhece alguma coisa, eles estão com você, falam com você. Acho que aqui o estilo de vida é cômodo, tranquilo. Mas tem também umas coisinhas perigosas. Mas ainda acho que aqui é uma bonita cidade para ficar.

Você passou alguma dificuldade em relação à língua?

Quando cheguei em São Paulo, eu não sabia nada. Não sabia falar muito bem. Eu fiz aulas há muitos anos com um amigo, mas quando eu cheguei, achei que não sabia nada, porque o português aqui é muito rápido, as pessoas aqui falam muito rápido. Então compreender foi um desafio muito grande. Depois que eu conheci as pessoas da iPoli, a galera, os professores, as aulas, que também são em português; eu estou agora em um processo de acostumar na língua, também a comida [risos]. Mas quando eu cheguei, eu estava zero, um pouco perdida. Quando falava com os meus amigos no Whatsapp, eu disse que estava um pouquinho perdida, então eles estavam assustados. Estavam como 'Você está perdida? Onde você está? Você está bem?'.

E a comida brasileira, você está gostando?

Então comer aqui [bandejão] é muito mais barato que comer fora. A comida aqui é gostosa, você pode pegar qualquer quantidade que você quiser. Não é ruim totalmente, alguns dias. Para mim é melhor. Eu moro perto da USP, então prefiro vir aqui pra comer do que ir pra outro lugar mais longe. Eu gostei da comida brasileira, mas feijão eu não estou comendo, porque eu acho muito pesado.

Você tem alguma história interessante para compartilhar?
Eu achei muito estranho. Quando fomos na balada, um rapaz veio para onde eu estava e me pediu um beijo. 'Você é muito bonita, que não sei o que'. Eu estava assustada, eu estava como 'Ajuda! Ajuda, por favor. Socorro'. São muitos mais diretos que no meu país. No meu país, os homens tentam, estão vendo você, mas falar com você direto para onde você está, bêbados muitas vezes... para mim foi como 'Ow'.

Mas eles te respeitaram?
Sim, sim. Eu disse a ele que não queria nada, que estava só dançando, que eu estava tranquila, que não se preocupe e que estava tudo bem. Aí ele foi embora. Mas para mim foi como que 'Ay! Están locos'.

Outro aspecto do Brasil te surpreendeu?
O Brasil tem uma fama de país mais liberal. Por exemplo, no meu país não tem uma instituição, um grupo de pessoas que representam os gays. Para mim foi diferente, porque eu achei aqui muitas pessoas que são gays e lésbicas. Então, você pode ver na rua, na escola, nas baladas. No meu país, não é muito comum. Você tem em alguns lugares, mas não é comum. As pessoas não veem como coisa boa. Eles pensam como algo como 'eu respeito, mas é sua vida'. Mas aqui é algo muito normal, é mais comum. Foi uma coisa como 'ops', um choque.

O que você está achando da Poli?
Eu estou acostumada a estudar muito, ter meu tempo para estudar, fazer esporte, sair. No meu país, eu moro também sozinha. Isso [morar sozinha no Equador] foi como uma escola para aprender a ficar bem aqui e tranquila. Os professores são muito legais, têm muito conhecimento da carreira, têm experiência na indústria de mineração. Temos agora muitas saídas de campo, então estou gostando. Estou assim: 'ah, não quero voltar para o meu país agora'. Aqui no Brasil tem uma outra mineração, a de ferro. A mineração do Equador é mais de ouro, cobre e prata, mas meu país até agora não tem uma mineração muito estabelecida. Nos próximos anos, eles vão ter uma produção contínua de minerais.

Além de estudar na Poli, o que você gosta de fazer no Brasil?
Eu já paguei a calistenia e tenho [treino] hoje. Vou também pagar capoeira. São duas coisas que eu gostei mais. Eu queria samba também, mas não achei uma escola por aqui. Vou à academia todos os dias ou, se a academia está fechada, eu faço esporte fora, na USP, no CEPE. Como moro perto, são 2 minutos caminhando para USP, então eu aproveito o tempo. Eu decidi ser fitness [risos].

O Brasil tem uma fama de país mais liberal. Por exemplo, no meu país não tem uma instituição, um grupo de pessoas que representam os gays. Para mim foi diferente, porque eu achei aqui muitas pessoas que são gays e lésbicas. Então, você pode ver na rua, na escola, nas baladas. No meu país, não é muito comum.

Em relação aos eventos da iPoli, da semana de recepção...
A galera me perguntou se eu achei alguma coisa negativa. Eu não achei nada. Eu gostei de tudo. Quando eu recebi o primeiro email de vocês, foi para mim 'Que legal, tem pessoas que se preocupam com a minha estadia, com a minha chegada'. No meu país, estava muito feliz de ter uma comunicação com brasileiros, com pessoas de outro país que tem um tempo destinado para fazer atividades fora das atividades regulares da Poli. Então achei muito legal. Quando cheguei aqui, eu não pude conhecer o Rodrigo, que ia me buscar no aeroporto, mas já tinha meu Uber. As atividades, quando começaram, foram muito legais. A galera, as pessoas, tudo! Eu fui em todos os dias, porque eu sabia que se eu não aproveitasse esses dias, eu ia ter vazios em algumas coisas. Nesses dias, eu aprendi como pegar um ônibus, como perguntar, como pegar o metrô, quais são as paradas dos ônibus, as linhas que tem na USP; conheci meu departamento, conheci o CEPE. Então acho que o iPoli é uma associação de estudantes muito importante para os intercambistas para nós fazermos a documentação na Polícia Federal, para pegarmos nosso CPF. Eu cheguei sem saber nada disso, porque no meu país me disseram que eu tinha que pegar o CPF, tinha que ir para uma entrevista na Polícia Federal, mas eu não sabia onde era. Então eles me ajudaram muito nessa parte. Eu gostei muito das atividades.

Lene Loitsch

Alemanha • Engenharia Mecânica

Por que você escolheu o Brasil?

Então, quando eu tinha 16 anos, conheci uma brasileira na minha escola. Ela me falou sobre a vida brasileira, as festas e tudo isso. O Brasil é bem longe da Alemanha, então eu pensei que, com 16 anos, não era bom ir tão longe da família. Aí eu entrei na universidade e pensei "agora eu tenho a possibilidade de fazer um intercâmbio". Aqui no Brasil vocês resolvem problemas bem diferente de lá, então isso é bem importante para uma engenheira, especialmente de mecânica. Então eu pensei é bem legal aprender isso, já conheço a cultura (e gostei) e a língua é muito interessante porque você pode aprender italiano e espanhol bem fácil.

Suas expectativas quanto ao Brasil foram atendidas?

Eu pensei que ia ai ser um pouquinho diferente. Eu já sabia que os latinos são bem abertos e quentes, carinhosos, mas eu não esperei encontrar tanto amor aqui. Muitas pessoas são gentis comigo. Fora isso, eu acho que o Brasil é muito limpo, pensei que seria mais sujo, especialmente São Paulo por ser uma cidade tão grande. Mas você pode ver que as faxineiras fazem tudo, mesmo no metrô, em todos os lugares. É mais limpo do que eu esperei.

Qual foi a maior dificuldade que você passou aqui?

Eu acho que o único problema foi durante a Copa. Isso foi um pouquinho difícil pra mim, especialmente porque a gente ganhou o 7x1 em 2014, aí mesmo meus amigos deram alguns comentários não muito gentis. Isso eu não gostei, foi a única vez que eu pensei "sou estrangeira aqui". Fora isso todo mundo sempre me ajudou muito, nunca tive muitos problemas. Ah, verdade! Então, eu cheguei no último dia do carnaval, só que o carnaval não acaba, então meus colegas de casa e eu fomos para uma pequena festa. Porque eu trabalho para o DAAD, eu tenho que documentar a minha vida aqui: tirar fotos, filmar vídeos... Em um momento uma menina chegou e tirou o meu celular. Eu já sabia quando vim para cá que é perigoso eu devia ter atenção, só que nesse momento eu já estava um pouco bêbada, então nem pensei nisso. Não prestei bastante atenção, aí ela pegou o meu celular e foi embora.

Fora estudar aqui na Poli, o que você faz aqui no Brasil?

Eu viajo, acho que todos os intercambistas aproveitam isso no brasil. Comecei a fazer handebol [no time da Poli] agora. Como trabalho na Alemanha documentando minha vida aqui, eu tento sair bastante, ir nas festas, ir para os festivais... [No CAM] eu tento ajudar quando eles precisam, como agora na Semov. Também na Poligamia eu vou trabalhar hoje. É porque no primeiro dia aqui, eu fui pra USP, era também o dia da matrícula; nesse dia eu encontrei o pessoal do CAM. Aí eles me falaram e eles já me pegaram, então já encontrei muitos amigos lá.

Sobre a iPoli, o que você achou?

Eu pensei que vocês ajudavam só com o CPF, RNE, mas eu não sabia que vocês também organizavam festas, churrasco. Então para mim como intercambista, ajudou muito também para encontrar outras pessoas: brasileiros e estrangeiros. Acho que foi bem organizado, vocês já sabem os problemas dos intercambistas e vocês falam também em inglês. Isso é bem importante. Encontrei uma alemã em Florianópolis e ela contou que esse tipo de organização na universidade dela só falava em português. Ela disse "eu não entendo nada, vocês podem falar em inglês?" e eles "Não, você está aqui, tem que falar português". [Falar em inglês] é importante até para quem quer aprender a falar português, para ver a tradução. Eu também fui para a França fazer intercâmbio e lá realmente eu encontrei um problema de idioma. Eu trabalhei em uma festa, servindo cerveja e vinho. Eu não sabia como pronun-

ciar "branco" e "tinto" em francês. Um homem não entendeu o que eu dizia, ficou muito bravo comigo e no fim disse "Olha, você está aqui, tem que falar francês". Muito mal educado! Isso nunca aconteceu aqui, as pessoas não entendem mas perguntam "De onde você é? O que faz aqui?", muito curiosos.

O que você acha da Poli?

É bem diferente. Acho que a Poli é muito americana, tipo essa ideia de um filme: tem a Atlética, o Grêmio... É muito engraçado. Na Alemanha você tem uma sala maior, normalmente com mil pessoas. Aqui é realmente uma classe, muito pequena. As cadeiras são muito diferentes, o professor fala muito, faz perguntas. O primeiro semestre foi um pouquinho difícil para me adaptar, saber como funcionam as provas, tudo isso.

Grace and Frankie

Série da vez

Por Fernando Ferri, Flavia Barochel, Giuliana Zugliani e Olivia Cunha

Já com 4 temporadas na Netflix - e a 5a confirmada para 2019 (~~eu ouvi um amém?~~) - Grace and Frankie, à primeira vista, pode passar a impressão de ser mais uma daquelas séries de humor fácil, o típico sitcom, muitas vezes passando meio batida. Logo no primeiro episódio ela prova o contrário. De cara, o espectador é apresentado a uma situação onde os respectivos maridos de Grace e Frankie pedem divórcio para finalmente assumirem um relacionamento homossexual que já acontecia há mais de 20 anos entre eles. A partir de então, as duas mulheres de setenta e poucos anos acabam sendo forçadas a viver juntas, tendo que lidar não apenas com o divórcio, mas com as excentricidades uma da outra. Grace é uma mulher de negócios aposentada, chique e conservadora, enquanto Frankie é uma professora de arte bem alternativa, entusiasta de meditação e energias espirituais. Com personalidades tão distintas, Grace e Frankie não são exatamente amigas no início da série mas, ao longo dos episódios, se vê a evolução da relação entre essas mulheres incríveis representadas por Jane Fonda e Lily Tomlin.

De fato, classificar Grance and Frankie simplesmente como uma comédia ou um sitcom é injusto pela profundidade da série e das temáticas abordadas. Grance and Frankie é subversiva simplesmente por tratar dos temas que trata, a começar pela própria idade das personagens principais. Há poucas séries ou filmes que dão protagonismo a pessoas da terceira idade e que falam dos problemas reais enfrentados por elas. Essa série não só toca nesses assuntos tão invisibilizados, ela os escancara. Com um humor sensível, os episódios falam de tudo relacionado à vida na terceira idade que é ignorado pela indústria do entretenimento de maneira geral: sexualidade, namoro, trabalho, aposentadoria, abandono dos pais pelos filhos, crise da auto-imagem, a sensação de incapacidade e discriminação etária.

Além das questões que vêm junto com a idade, ainda são atacados muitos outros temas que são tabus, difíceis de abordar com respeito e elegância em uma comédia. Alguns exemplos são a adoção de filhos, o parto natural e humanizado, a homofobia, o alcoolismo, a dependência de drogas, o porte de armas, entre tantos outros que conseguem surpreender o espectador capítulo a capítulo. Assistir Grace and Frankie é um constante "não acredito que vão falar sobre isso, será?". E falam, do melhor jeito possível. É um tapa na cara da sociedade.

Apesar de tratar sobre muitos tabus, essa comédia dramática não perde seu clima agradável. Tornando essas discussões mais leves (sem romantizar ou amenizar nada), a experiência de assistir Grace and Frankie é como receber um abraço. Enquanto é capaz de abordar temas profundos, a série não perde sua graça e leveza, fazendo os telespectadores rirem, chorarem ou até chorarem de rir com seus personagens adoráveis.

Jane Fonda e Lily Tomlin são absolutamente brilhantes nos papéis das protagonistas, levando para a vida real a imagem que é tão presente na série: mulheres mais velhas empoderadas, produtivas e talentosas. A dupla quebra qualquer estereótipo que se possa

ter de mulheres da terceira idade. Jane Fonda, já aos 80 anos, dá vida a uma Grace poderosa, inteligente, determinada, empreendedora e sexy. Lily Tomlin, que tem 78, interpreta uma Frankie artista, hippie, independente, criativa e apaixonada. A dupla de ex-maridos, Sol (Sam Waterston) e Robert (Martin Sheen), também merece exaltação. Eles trazem à mesa, com humor, todas as questões que envolvem o "sair do armário" e assumir um novo relacionamento na terceira idade.

A série já acumula mais de 30 nomeações a prêmios reconhecidos, como o Emmy e o Globo de Ouro. Especificamente na categoria do Emmy de Melhor Atriz Principal em Série de Comédia, Lily Tomlin foi nomeada em todas as temporadas da série.

Criada por Marta Kauffman (criadora de Friends) e Howard J. Morris, Grace and Frankie é uma série original da Netflix e tem suas 4 temporadas disponíveis na plataforma. O lançamento da 5a temporada está previsto para 2019 e já se sabe que terá no elenco a famosa drag queen RuPaul como convidada especial.

Musicais CAEPipoca

Por Flavia Barochel, Lucas Alleotti e Clarissa Mendes

"Mamma Mia! Lá Vamos Nós de Novo" é o mais novo sucesso musical nos cinemas. O gênero cada vez mais ganha popularidade dentro da cultura mainstream, com sucessos de bilheteria e crítica, como "La La Land", que ganhou seis Oscars em 2016. Antigamente, o gênero musical era associado à elite e ao teatro da Broadway, não possuindo a pretensão de agradar a todos os públicos e gostos. De uns anos para cá, ganharam Hollywood e, apesar de ainda muitos filmes musicais serem adaptações de peças teatrais, é evidente a preocupação de tornar o gênero mais acessível e comercial. A intenção dessa coluna é justamente desmistificar os filmes musicais e desconstruir o preconceito de que são filmes chatos, "água com açúcar" e com roteiros fracos. Aqui sugerem-se os melhores filmes do gênero, que muito além de musicais são também dramas, comédias, policiais e thrillers.

1 *Mamma Mia! Lá Vamos Nós De Novo*

(2018 • Romance • 1h49min)

Mamma Mia! Lá Vamos Nós De Novo acabou de estrear é já é um sucesso entre as críticas. No famoso portal Rotten Tomatoes o filme já está mais bem avaliado, tanto pela crítica quanto pelo público, do que seu antecessor *Mamma Mia*, lançado dez anos antes. Mesmo com a reduzida participação da incrível Meryl Streep no filme de 2018, é praticamente unânime a preferência por ele sobre o primeiro, raridade na indústria do cinema. O filme na verdade é meio sequência meio prequel, pois alterna entre a história de Sophie (Amanda Seyfried) no presente e a história de sua mãe, Donna (Lily James), em 1979, quando se muda para Grécia e conhece os três possíveis pais de Sophie. A interpretação e o talento de Lily James são absolutamente contagiantes, e o elenco jovem rouba a cena e consegue brilhantemente cumprir a difícil tarefa de interpretar versões jovens de personagens já conhecidos e amados. Não é tarefa fácil herdar um papel originado por Meryl Streep, mas a carismática Lily James consegue com maestria, recriando uma Donna completamente apaixonante.

2 *Os Miseráveis*

(2012 • Drama • 2h40min)

Talvez uma das melhores adaptações do teatro da Broadway para o cinema, *Os Miseráveis* foi produzido para convencer o público geral de que ele pode sim gostar de musicais clássicos. Com um elenco estrelado com nomes como Hugh Jackman, Anne Hathaway, Russell Crowe, Amanda Seyfried, Eddie Redmayne, Helena Bonham Carter e Sacha Baron Cohen, o longa-metragem foi o primeiro musical em 10 anos a receber indicação ao Oscar de melhor filme. Um dos grandes diferenciais do filme, que o torna tão especial, é o fato de que a gravação da trilha sonora foi feita no próprio set de filmagens, simultaneamente à interpretação dos atores. Assim, segundo produtores e elenco, os atores puderam se concentrar em sua interpretação e não se preocupar com dublagem. Por causa disso,

os personagens transmitem uma emoção indescritível em suas músicas, preservando algo que é tão especial na peça de teatro - o cantar ao vivo. Baseado no livro francês de mesmo nome escrito por Victor Hugo, o musical é inteiramente cantado, basicamente sem diálogos falados, razão pela qual sofre com o preconceito de parte do público. Para quem acha que não consegue gostar de um filme que emenda uma música na outra, talvez *Os Miseráveis* seja um tanto cansativo, mas vale a pena dar uma chance a essa verdadeira obra de arte. É muito fácil se identificar com o enredo, que trata de justiça social, revolução e amor. As músicas emocionam muito e a história arrepia, transmitindo o sentimento revolucionário dos franceses do século 19.

3 *Chicago*

(2002 • Crime • 1h53min)

Chicago é uma adaptação do musical homônimo de 1975. A história se passa durante a década de 1920, a Era do Jazz. Roxie Heart (Renée Zellwegger) é uma jovem que sonha em ganhar fama na cidade de Chicago e que, para isso, está disposta a qualquer coisa. Depois de ser acusada de assassinar o seu amante, Roxie é presa e conhece Velma (Catherine Zeta-Jones), uma artista que vem se tornando uma grande celebridade desde sua prisão também por assassinato. As duas vão disputar a fama e sucesso na cidade, enquanto seu advogado, o excêntrico, narcisista e aproveitador Billy Flynn (Richard Gere), transforma os casos das duas em um grande show de mídia. O espetáculo que Billy cria é uma crítica ao sistema judiciário americano, onde tudo depende de ganhar a graça do público. Com grandes nomes no elenco, como Catherine Zeta-Jones (que nesse filme está excepcional, em uma de suas melhores performances), Renée Zellwegger, Richard Gere e Queen Latifah, o filme é recheado com números musicais esplêndidos e cheios de energia. Além de muito bem montadas, as cenas musicais não quebram a lógica do enredo, pois fazem parte da imaginação e fantasia da personagem principal sobre sua prisão e julgamento. O filme tem uma influência explícita, como uma homenagem, ao filme Cabaret de Bob Fosse, cujas músicas foram brilhantemente escritas por Fred Ebb e compostas por John Kander, os mesmos responsáveis pelas músicas em *Chicago*. A direção de arte completa o filme com belos cenários e figurinos, trazendo todo o contexto da década de 20, e transmitindo a extravagância do filme e de seus personagens. Uma comédia cheia de ironia, que nos leva para a Chicago onde (quase) tudo é bonito, elegante e recheado de "licor and jazz".

4 *Os Últimos 5 Anos*

(2014 • Romance • 1h 34min)

Os Últimos 5 Anos é um filme musical baseado na peça teatral de mesmo nome escrita por Jason Robert Brown. O filme tem uma forma alinear muito interessante de contar os 5 anos de relacionamento de Cathy (Anna Kendrick) e Jamie (Jeremy Jordan). A história do casal começa a ser contada pelo término, em uma música cantada por Cathy, que então passa a relatar sua versão dos fatos de trás para frente. Jamie alterna suas músicas com as de Cathy, mas conta a história de frente para trás, começando pelo primeiro encontro. O filme quebra totalmente as expectativas do público por não ser um simples romance bobo, mas abordar de forma tão inteligente e intrigante os diferentes lados de contar uma mesma história de amor e perda. A narrativa é totalmente parcial à perspectiva de cada personagem, o que inclui o espectador no filme, e o convida a ter sua própria opinião sobre os motivos do fracasso do relacionamento dos dois. Outro fator brilhante desse filme é o fato de que ele é inteiro cantado, mas de nenhuma forma se torna cansativo a quem assiste (é só uma hora e meia de filme). A trilha sonora é maravilhosa e todas as músicas são perfeitamente pertinentes à trama, fugindo totalmente do estereótipo do musical "forçado".

5 *A Noviça Rebelde*

(1965 • Drama • 2h54min)

Um dos maiores clássicos do cinema musical, *A Noviça Rebelde* conta a história de Maria (Julie Andrews), uma noviça que deixa o convento para tornar-se governante na casa de um militar austríaco com 7 crian-

ças. O filme tem um enredo bonito e delicado, no qual Maria, através da música, conquista as crianças que a princípio queriam infernizar sua vida. Além disso, o musical também se torna sério em alguns momentos, pois se passa em uma época pré Segunda Guerra onde o partido nazista começa a monopolizar a ideologia dentro da Áustria, o que faz com que a questão política esteja sempre no centro das conversas entre os personagens adultos. Assistir a esse filme enche o coração, é daqueles que se pode ver dezenas de vezes, em qualquer ocasião, e não enjoar. A atuação das crianças impressiona, assim como os figurinos, as músicas e os cenários dos alpes, uma produção incrível para aquela época. A obra é graciosa e comovente, mas ao mesmo também tem muito conteúdo, tanto que recebeu cinco Oscars, inclusive o de melhor filme.

6 *Sweeney Todd*

(2007 • Thriller • 1h57min)

O musical dirigido por Tim Burton não poderia ser mais esquisito e sombrio. Misturando humor e tragédia, crueldade com romance (esse um tanto fora do comum), Tim Burton dirige esse musical ambientado na Inglaterra vitoriana, numa Londres decadente e suja, criando um ambiente perfeito para uma história sombria e macabra. Benjamin Barker, um barbeiro injustiçado ao ser condenado indevidamente, vê sua família cair em desgraça. Depois de solto, ele volta para sua barbearia e planeja uma vingança contra os responsáveis de toda sua desgraça, junto com a Srta. Lovett, que guarda um imenso amor por ele. A partir disso, o barbeiro começa a praticar os assassinatos na barbearia e, para se livrar dos corpos, Lovett começa uma nova receita para suas tortas. O musical possui muitos números, o que pode cansar para quem não está acostumado, mas todos movem a trama e agregam para o entendimento das motivações e caminhos dos personagens. Além disso, as músicas do filme são incríveis. Sendo escritas por Stephen Sondheim, as músicas foram compostas primeiramente para a peça de teatro e depois adaptadas para o filme, no qual foram muito bem interpretadas, com destaque para os duetos entre Todd e Lovett. Como todo musical, o filme também tem um excelente trabalho visual e artístico, que rendeu o Oscar de Melhor Direção de Arte. Nessa história, na qual não se sabe ao certo quem é o vilão e quem é o herói, que alterna momentos de suspense e terror com momentos de sensibilidade, vemos muito sangue (muito mesmo), mas também uma obra-prima, impossível de se tirar os olhos.

7 *The Rocky Horror Picture Show*

(1975 • Comédia dramática • 1h 40min)

The Rocky Horror Picture Show marcou a década de 1970 por abordar temas polêmicos para a época, tais como homossexualidade, transexualidade e libertação sexual. O filme é uma paródia e uma homenagem às produções de ficção científica e horror. O musical narra a história dos noivos Brad Majors (Barry Bostwick) e Janet Weiss (Susan Sarandon) que, durante uma tempestade, tem o carro quebrado e se refugiam num castelo. O casal acaba encontrando um grupo de pessoas estranhas, entre eles o chefe da casa, Frank. N. Furter (Tim Curry), uma travesti alienígena que cria um homem musculoso em seu laboratório, o qual poderá atender aos seus anseios sexuais. O filme, gravado na Inglaterra e com produção americana (20th Century Fox), fez grande sucesso e era um dos preferidos da princesa Diana. O musical até hoje é uma grande influência no cenário cultural internacional, sendo remontado em teatros, assim como em séries televisivas como *Glee* e filmes como *As vantagens de ser invisível.* A trilha sonora, a ousadia do enredo e a extravagância das personagens tornam *The Rocky Horror Picture Show* um clássico dos musicais.

Shell Open Air

Nossa sugestão

Por Lucas Alleotti

Chega esse semestre em São Paulo o Shell Open Air. Maior cinema a céu aberto do mundo faz mais uma edição no Jockey club com uma programação repleta de filmes que vão desde grandes clássicos até os melhores da atualidade. O evento conta com o telão que possui o tamanho de uma quadra de tênis, projeção digital e um sistema de som com 28 caixas Dolby Digital Sorround, transformando a experiência em algo muito maior e mais empolgante que uma sala de cinema. O telão viaja pelo mundo e passa pelas cidades do Brasil desde 2002, tendo já passado por mais de 7 cidades.

O evento possuis shows de abertura, palco onde já tocaram Nando Reis, Lulu Santos, Emicida, Baby do Brasil, Nação Zumbi, entre tantos outros. Também conta com uma área Gastronômica, com uma variedade de opções além da clássica pipoca. E, mesmo a céu aberto, quando chove o evento ocorre normalmente. O palco, as ativações, o banheiro e o espaço gourmet são todos cobertos, e são distribuídas capas de chuva gratuitamente. O preço da inteira é de R$50,00.

Programação:
20/Set - 19h - Forrest Gump
21/Set- 18h - Mamma Mia: Lá Vamos Nós de Novo
22/Set - 16h - Esqueceram de Mim
22/Set - 21:30h - Pantera Negra
23/Set - 16h - Viva! A Vida é uma Festa
23/Set - 21:30h - Clube da Luta
26/Set - 19h - Lady Bird
27/Set - 19h - Poderoso Chefão
28/Set - 18h - Chicago
29/Set - 16h - Quero Ser Grande
29/Set - 21:30h - Deadpool 2
30/Set - 16h - Hotel Transilvânia 3
30/Set - 21:30h - Operação Dragão
03/Out - 19h - A Forma da Água
04/Out - 19h - Thelma & Louise
05/Out - 18h - La La Land
06/Out - 16h - Os Incríveis 2
06/Out - 21:30h - Vingadores: Guerra Infinita
07/Out - 16h - A Noviça Rebelde

Bolo preto

CAEPanela

Por Karen Kobayashi

Ingredientes para a massa

- 3 xícaras de farinha de trigo
- 2 xícaras de açúcar
- 2 xícaras de chocolate em pó
- 2 xícaras de óleo
- 2 ovos inteiros
- 2 xícaras de água fervendo
- 1 pitada de sal
- 1 colher (sopa) de pó Royal
- 2 colheres (chá) de bicarbonato de sódio

Ingredientes para a cobertura

- 1 lata de creme de leite
- 1/2 xícara de chocolate em pó
- 1 xícara de açúcar
- 1 colher (sobremesa) de margarina

Modo de preparo

Para o preparo da massa, pré-aqueça o forno a 180 °C e, enquanto isso, misture bem os ingredientes na batedeira, colocando por último o bicarbonato de sódio e o pó royal.

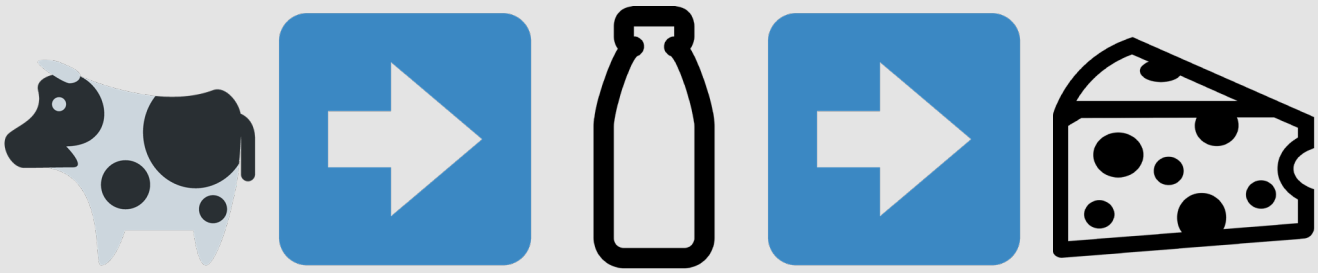
Posteriormente, assar a massa a uma temperatura de 180 °C, verificando o ponto da massa, até que não grude mais no garfo ao furar.

Para a cobertura, coloque todos os ingredientes em uma panela e misture em fogo baixo até engrossar. Recomenda-se usar uma panela de teflon e, caso não seja possível, pode-se realizar por banho maria.

Qual a matéria? Joguinho

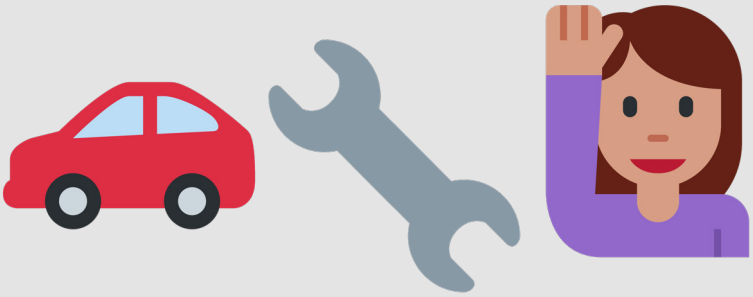
Por Vinícius Geroto

1.



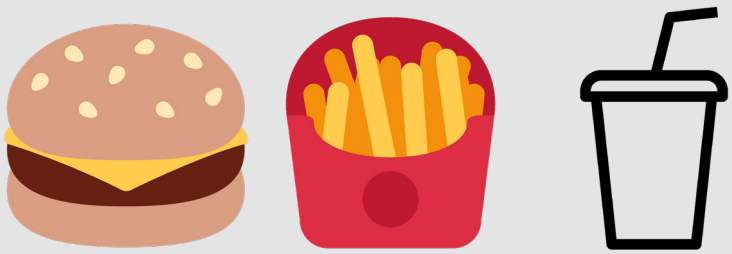
2.

3.



4.

5.



1. Cálculo 2. Física 3. . Mecânica 4. PCC3100 5. MAC2166

Por Vinícius Geroto e Luiza Velloso

Recorte e leve com você!

WarPoli			
CAEP			
CAEA		CAM	
CEC		AEQ	
CEE		AAAP	
CEN		GREMIO	
CMR		CAPS	

Décima quarta edição
13 de Setembro de 2018
Centro Acadêmico da Engenharia de Produção
Escola Politécnica - USP

Design por Marcela Okuyama
Diagramação por Clarissa Mendes
Direção por Fernando Ferri
Revisão por Daniela Machado, Daniela Souza, Fernando Ferri, Flavia Barochel, Giulia Ribeiro, José Mathias, Juliana Segawa, Luiza Velloso e Olivia Cunha